

A Cama de Cambala (Viagem a Mueda)

Júlio Carrilho
TEXTO

José Cabral
FOTOGRAFIA

Feliciano de Mira
CONCEPÇÃO



Morto o búzio ou o coral, não resta unicamente o traço da sua presença na maré vazante. Também foram colheita da machamba líquida a que regressaram. Vivem encarnados nos homens e mulheres da costa. E são um adorno no pescoço da praia, entre o ir e o vir das ondas.

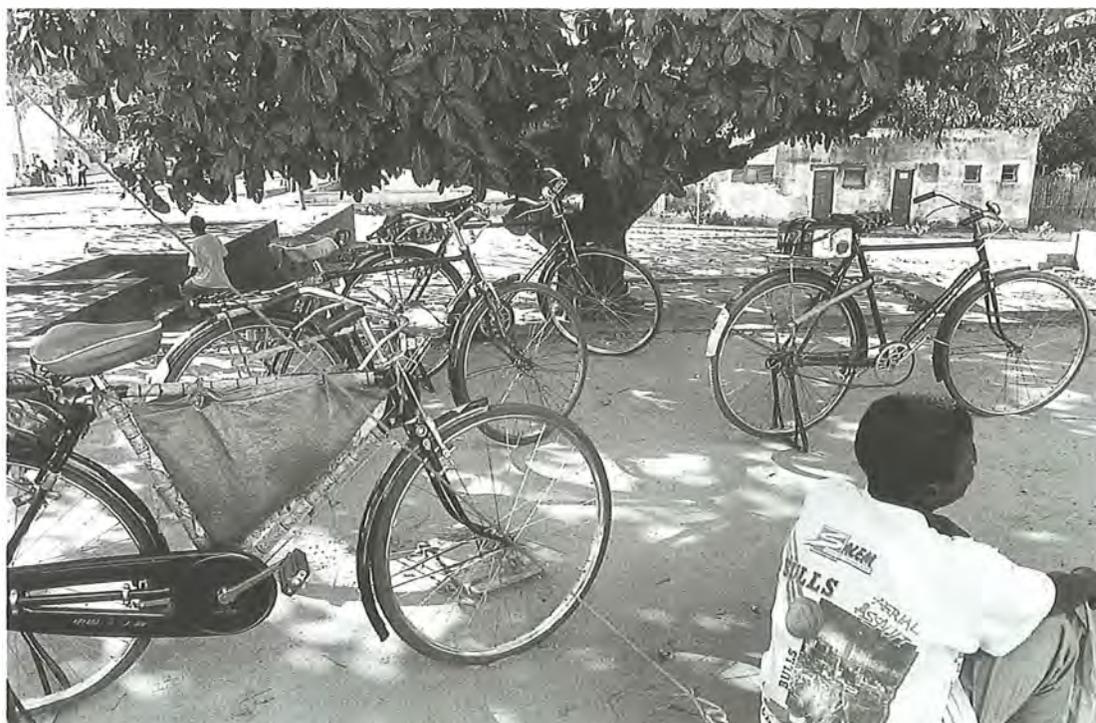


Do mar partimos. Levámos connosco a transparência das bolhas de espuma, inúmeros vidros salgados de maresia. A poeira da estrada rebentá-las-á. Levámos connosco as conversas redondas dos visitantes do Nautilus. Circunvalaremos a imensa massa de água, pelas formas curvas no areal suave.

Um plano tortuoso e grande.
A mão gigante espalha seus dedos cinzentos
contra os céus. As moradas dos espíritos
aproximam-se devagar.
E aproximam-nos dos mistérios a adensar
a mata.



Nenhuma novidade depois de desenhada
a curva da baía. A norte do cruzamento
só a surpresa recente de um tapete negro,
sonolento e liso. Macomia. Descansam nossas
rodas. Como outras mais leves e ágeis,
enchendo o terreiro da Administração;
como as flores de sumaúma espalhadas pelos
passeios; como a Lady Di e os Chicago Bulls
levados às costas ou pendendo no peito
deste lugar distante. Que pesada sina esta
de vestir reclames! Mas o que conta afinal
é só a leveza do pano.





Não é só o avisar de minas que nos atarda. Entre Macomia e Mueda há todo um passado a desminar-se; avivando-nos de cores a lembrança. Uma paisagem soturna de memórias tristes atenua o sabor de antigas epopeias de libertação. Um tempo atormentado e lento escorre pela estrada. Como uma cicatriz a construir quelóides num pavimento irregular e duro. Não é o carro que salta no percurso ravinado pelas chuvas; é a estrada a enviar estranhas mensagens da insustentabilidade de desejos... A mata fecha-se cada vez mais perto. E marca-nos o corpo com uma dor suave e persistente.



Sucedem-se as Aldeias no rosário de clareiras que a estrada construiu. Cada vez mais profundas. Profundas pela distância e pela lentidão do ritmo. Modernas na procura da apropriação dos signos da cidade. «Mingaléua» e o restaurante «Lágrimas de Nguri»; a «Aldeia Zambézia» e o seu «Prédio Cabo». Assim se levantou a térrea tradição da casa suahili. Em dois andares. Em colmo, em bambu, em barro e palha. Quartos de aluguer, salão de chá, comércio. A calma estranha dos terreiros anima-se com o roçar do vento nas harpas das palmeiras jovens; e nas folhas rasgadas das papaieiras, fecundas de frutos que lhes amarelam o interior da copa. A presença firme aqui é feminina. Cada vez mais, quanto mais longe.

Tudo se faz de mato. De agreste naturalidade. Nem o celeiro, que vai ser, se desenquadra. O homem, sim, só ele destoa (?). Com suas ideias bizarras à cabeça. Com seu engenho, seu calculismo, sua criatividade insana, seu sorriso irônico. Séculos de luta no vazar dos troncos, para que a sua pele guarde o milho seco.



Confundem-se as presenças gravadas nas bermas do entardecer.





PRACA 2 DE SETEMBRO
EM HOMENAGEM AOS ARTISTAS
DE ARTE MAKONDE
POR OCASIÃO DOS 30 ANOS
DE MUEDA 1967 1997

No terço último da viagem, dois terços das seis horas esvairam-se. Entre o azul do mar e esse outro azul das alturas do nosso destino. A Mueda chega-se subindo. De surpresa em surpresa. Subindo a passo. De esforço em esforço. Pela íngreme ladeira até às frescuras do planalto. Pela picada sinuosa até à praça central da vila. De chofre, a primeira mensagem do homem que demandamos. O mais visível monumento. Os mortos do massacre perpetuam-se na homenagem aos artistas vivos. Quem diria que a presença de Matias Ntundo é tão central aqui!



O chão do «planalto dos macondes» está preenhe de artísticas mensagens. Atravessamo desde muito longe. Enquadram tudo e todos. E o que sobra da simples e omnipresente bicicleta, renasce infantil na potencialidade criadora das suas formas circulares...

Transportando, no esforço do rasgar da mata,
o que for que a vida força a imaginar.



Parca é a distância que nos separa da aldeia
de Nandimba do Matias. Uma casa igual
a muitas outras. As paredes esperam o
maticado que as lides da colheita atrasam.
O cadeado trancado abrir-se-á...





...como o sorriso amável que o artista nos deu de boas-vindas.

Por entre o folhear das gravuras, sai do interior um Cristo de pau-preto. Sem a sua cruz, o sofrimento dói no alongar do braço confundido com o bambu a amarrar paredes sem reboco. Difícil imaginar a árvore que guardou o seu tamanho, a sua forma, a idade do seu miolo negro.



Difícil imaginar o desgaste das lâminas que constroem os negativos de que nascerão suas gravuras. Toscos os instrumentos, como incompletas as paredes a que se encostam. Viajam sazonalmente desta para a outra casa da machamba aninhada na base do planalto. Para lá iremos a pique no dia que se segue. O que faz falta aqui veremos lá.



Sempre a cabeça feminina a abrir caminhos de peso e responsabilidade, a encher celeiros, a armazenar esperanças, a proporcionar à família sombras protectoras. Sempre a capulana feminina a colorir percursos. Sempre ela a saciar as sedes várias.





Está morto e triste o cemitério dos que se deram pela causa do seu país longínquo. É a ferrugem que os condecora? Ou são as árvores que os vivificam com o seu estranho toque de natural desalinho!



No cemitério tradicional o contraponto. A cada defunto a homenagem de uma árvore. Ao mais importante um fuste. O mais direito e alto. Serenam-se os espíritos nos cuidados permanentes que os vivos lhes dedicam. A sua morada será sempre uma clareira limpa. Claramente reconhecível por qualquer viajante.

Do bordo do planalto abrem-se planos. **Reperntinos** entre nesgas de folhagem, densa. **Soberbos** no seu prolongamento. Até que a **bruma** da distância os vence em delicados matizes de cinzento. Começa aqui o mergulho panorâmico. Centenas de metros de **profundidade**. De um lado do carreiro estreito uma parede de vegetação agreste; do outro o abismo, a vertigem, a inquietação da adrenalina incontrolada. Bem no fundo esperam-nos as últimas gravuras bíblicas. São as mãos da paciência firme do camponês que as compõem: o dia e a noite primordiais; o **pecado original**; o dilúvio; as chamas caprichadas do Vesúvio... Protegidas por um anfiteatro de verdes ancestrais.



Estacas em cone simulam um específico espaço de concentração. Subtil no seu completo desconfinamento. A cama de cambala é o único móvel deste transparente atelier.



O abrigo temporário escorrega com o declive do terreno. Opõem-se-lhe as escoras de madeira que o retêm. Um imenso amontoado de abóboras se espreguiça lentamente ao sol. Nas traseiras da machamba. Até à secura que conserva. Dele se retira o quinhão diário de alimento. Durante todo o período da colheita. Ecoa no espaço aberto e curvo o seco som de palmas ao pilão.





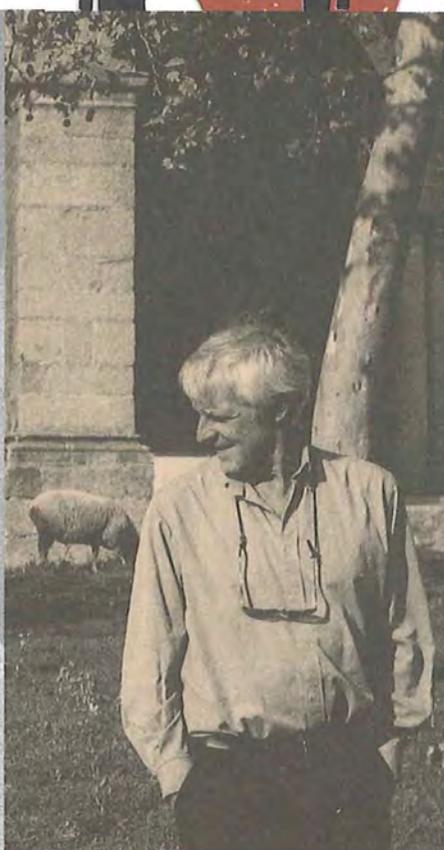
Vaza-se o celeiro erguido sobre estacaria.
Desfolha-se o milho. Separa-se o grão. No
reconforto relevámo-nos em três etapas pelo
sinuoso regresso até ao topo. Do azul de céu
mais próximo reganharemos o outro azul de
mar de onde partíramos. Pintados de suor,
exaustos de prazer.

Il pontes

lusófonas



Reinata
 Ricardo Rangel
 Matias Ntundo
 Valingue
 Ídasse
 Muando
 Ndlozy



José Forjaz
 do adobe ao aço inox

outras
 plásti
 cidades

e x p o s i ç ã o



GRUPO JOSÉ DE MELLO



Instituto Camões
 Pr. Marquês de Pombal
 2 de Setembro a
 30 de Outubro
 de 1999

Arte(s) de Moçambique

MaLangatana
 de Matalana a Matalana

